

**DISCURSO E IDENTIDADE: BREVE CARACTERIZAÇÃO
LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DO POPULISMO /
SPEECH AND IDENTITY: BRIEF LINGUISTIC-DISCOUR-
SIVE DESCRIPTION OF POPULISM**

*Alexandre Marques Silva**

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre discurso e identidade no âmbito linguístico-discursivo, de modo a caracterizar o discurso político presidencial populista no contexto histórico brasileiro da década de 1950. Identificamos no populismo um objeto de estudo a ser explorado em função da escassa literatura referente à análise linguística desse fenômeno político, o qual marcou os governos latino-americanos entre as décadas de 1950 e 1960. Interessa-nos, assim, estabelecer uma aproximação teórica entre a análise retórica do discurso e o contexto histórico em que os pronunciamentos de Vargas foram realizados, de modo a contribuir para a caracterização discursivo-identitária, ainda que breve, do populismo. Para procedermos às análises, foram selecionados discursos proferidos por Getúlio Vargas no período de seu segundo mandato como presidente da República (1951-54), extraídos do livro *O govêrno*¹ trabalhista

* Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professor Visitante na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (Timor-Leste). E-mail: profalexandremarques@yahoo.com.br.

¹ Mantivemos a grafia original quanto ao uso de diacríticos.

do Brasil – volumes III e IV, reunidos e editados pela Livraria José Olympio, em 1969. Como aporte teórico sobre discurso político, recorreremos aos trabalhos de Aquino (2005, 2003 e 1997) e Charaudeau (2006); sobre populismo, aos de Capelato (2001), Ferreira (2001) e Weffort (1982); e, finalmente, acerca de gêneros textuais, aos de Bakhtin (2003 [1927]) e Grillo (2006). Buscamos explicitar, ao longo do trabalho, as estratégias de seleção lexical que contribuem para a constituição identitária do populismo como fenômeno discursivo.

Palavras-chave: identidade; discurso político; populismo; análise do discurso; seleção lexical.

***Abstract:** This paper aims to discuss the relation between discourse and identity within the linguistic-discursive field in order to characterize the presidential populist political discourse in the historical context of the 1950's in Brazil. Populism is taken in this paper as a subject to be explored due to the scarce literature about the linguistic analysis of this political phenomenon, which characterized the Latin American governments between the 1950s and the 1960s. This paper intends thus to establish a theoretical approximation between the rhetorical analysis of discourse and historical context in which Vargas's speeches were given in order to contribute to the characterization of discursive identity, albeit brief, of the populism.*

To proceed to the analysis, we selected speeches by Getulio Vargas in the period of his second term as president (1951-54), taken from the book O governo trabalhista do Brasil - Volumes III and IV, assembled and edited by Livraria José Olympio in 1969. The works of Aquino (2005, 2003 and 1997) and Charaudeau (2006) are taken as theoretical bases for the analysis of the political discourse; the works of Capelato (2001), Ferreira (2001) and Weffort (1982) base our research as far as populism is concerned; texts by Bakhtin (2003 [1927]) and Grillo (2006) are used as theoretical support on

textual genres. This article seeks to explain the lexical selection strategies that contribute to the formation of the identity of populism as a discursive phenomenon.

Keywords: *identity; political discourse; populism; discourse analysis; lexical selection.*

Introdução

Ao entendermos que todo discurso resulta da ação de um indivíduo que deseja transformar a realidade por intermédio da palavra (falada ou escrita), evidencia-se o fato de que isso só é possível a partir da utilização da língua manifestada por meio de “enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (Bakhtin, 2003 [1927], p. 279). A língua, assim, mais do que uma representação do mundo, configura um elemento constitutivo da identidade do próprio homem e de sua história como ser social.

O discurso político, como um objeto delimitável temporal e espacialmente, passível de análise em seus elementos recorrentes, destaca-se com prática linguística a qual se associa à produção, por um lado de imagens particulares – daqueles que o pronunciam – e, de outro de imagens coletivas – da nação, do povo a quem ele se destina e procura convencer por meio de distintos processos de promoção de identificação entre os distintos indivíduos que compõem a sociedade. Ademais, conforme observaremos ao longo deste artigo, o discurso político, sobretudo o de orientação populista, está intrinsecamente relacionado à organização da práxis social em que se inscreve, atuando significativamente no processo de constituição da identidade de um povo.

Em qualquer discurso podem-se identificar elementos considerados “políticos”, no entanto, é o contexto no qual ele é produzido que determina a sua finalidade, de modo que o discurso político pode ser observado sob distintas configurações e em situações de produção igualmente diversas como as de campanha eleitoral, de prestação de contas, entre outras. Entendemos que o discurso político presidencial – aquele proferido por um indivíduo que ocupa o lugar de maior expressão política de um Estado – o de Presidente – apresenta uma especificidade: o fato de ser enunciado a partir de uma perspectiva totalizante, isto é, o orador, discursivamente, assume o papel da coletividade que o elegeu como representante

político e isso, invariavelmente, contribui para a edificação de sua imagem como tal, além de, ideologicamente, colaborar na construção de marcas identitárias as quais poderão, ou não, facilitar a aceitação de seu discurso.

Estabelecidas essas delimitações, o discurso presidencial interessa-nos, como objeto de análise, na medida em que veicula mensagens e ideologias que partem de um líder, cujos objetivos, na maior parte das vezes, é o de comunicar à sociedade as ações do governo que, de algum modo, sejam relevantes à coletividade, ou ainda, o de promover a adesão coletiva ao seu discurso.

1 Populismo: da gênese ao discurso

Para que possamos proceder à análise linguístico-discursiva do populismo, consideramos necessário apresentar, sucintamente, características do populismo, como fenômeno político, que vigorou no Brasil a partir da década de 1930 e cujo término não é consensual entre os estudiosos do assunto.

Ferreira (2001), ao elucidar a gênese do populismo na sociedade brasileira, enfatiza que 1945 foi um ano-chave para as primeiras formulações sobre o populismo, sobretudo em função do contexto de democratização iniciado naquele período. O autor destaca, ainda, que as ideias a partir das quais se fundaram as primeiras noções acerca do populismo não contavam com rigor acadêmico, mas tinham como objetivo forjar imagens politicamente desmerecedoras dos adversários. Isso se deveu às

[...] elites liberais que perderam o poder em 1930, contrariadas com o intervencionismo estatal na economia, o cerceamento do regionalismo político, os ataques à tradição liberal individualista, a elevação dos trabalhadores à categoria de cidadãos e as arbitrariedades da ditadura do Estado Novo, mas sobretudo com o movimento “queremista”, passaram a explicar o apoio dos assalariados a Vargas, ressaltando a demagogia, a manipulação, a propaganda política, a repressão policial, entre outros fatores, sugerindo uma relação destituída de reciprocidade: o Estado, com Vargas, surgia como todo-poderoso, capaz de influenciar as mentes das pessoas; a sociedade – os trabalhadores em particular –, amedrontada com a polícia e confundida pela propaganda política estatal do DIP, era transformada em massa de manobra e, portanto, vitimizada. [...] O “populismo”, portanto, surgiu primeiro como uma imagem desmerecedora e negativa do adversário político, e somente depois como uma categoria explicativa de âmbito acadêmico. (FERREIRA, 2001, p. 8-9)

Podemos compreender, com base na definição apresentada pelo autor, porque o conceito de populismo, ao menos aquele mais recorrente no imaginário coletivo, tem perdurado na história nacional sob um significado marcadamente pejorativo e os políticos populistas estigmatizados como demagógicos, produtores de discursos supérfluos. Ainda, segundo Ferreira: “O político populista surge como personagem que agiria de má-fé, mentindo e enganando o povo, sobretudo nas épocas de eleição, prometendo tudo e nada cumprindo” (2001, p.7).

De fato, quando os populistas passaram a ocupar espaço na política, vencendo as eleições contra liberais e conservadores, o conceito assumiu uma conotação pejorativa. Nesse sentido, Capelato (2001) defende que, nas primeiras décadas do século XX, o populismo representava a promessa de um Estado forte e personalista, aliado a uma legislação social e a uma liderança carismática, que tinha o objetivo de combater o perigo do comunismo no continente. Todavia, com o afastamento do risco comunista, a presença de lideranças carismáticas marginais às elites políticas tradicionais, à frente de Estados fortes, passou a interferir de maneira negativa nos interesses dessas elites, o que implicou a caracterização pejorativa do populismo na esfera política, o qual ganhou status negativo no senso comum.

O termo populismo, no entanto, nem sempre foi empregado com caráter negativo. No final da primeira metade do século XX, o termo “populista” passou a integrar o vocabulário político brasileiro. Naquele período, um líder populista, ao contrário do que pode significar ainda hoje, tinha sua imagem associada a uma concepção positiva, algo que contemporaneamente pode ser interpretado como um tipo de governo popular, como aquele que está junto do povo e que age em prol das necessidades mais autênticas deste e “se hoje, pelo menos na sensibilidade política das esquerdas, ser um ‘líder popular’ é algo elogioso, nos anos 50 e início dos 60, de maneira similar, surgia como meritório definir alguém como líder populista”. (FERREIRA, 2001, p. 116). O populismo, dessa forma, pode ser entendido como uma manifestação política em sociedades nas quais as elites políticas estão alijadas das massas e, por não haver canais de interlocução convencionais, o povo busca, na figura de um líder carismático, alternativas para que sejam atendidas suas legítimas demandas sociais.

Observamos, portanto, que, nessa direção, a Era Vargas e as políticas populistas subjacentes a ela podem ser entendidas como uma maneira peculiar de dirigir o País, o povo, os negócios e a defesa nacional, pois se atribui ao chefe

político da nação (o Presidente) um poder acima de qualquer vontade. Assim, conforme destaca D'Araújo:

A Era Vargas foi marcada por desenvolvimento econômico, controle sobre os trabalhadores e sindicatos, planejamento estatal, legislação social, investimentos públicos e, principalmente, pelo papel atribuído ao Estado como agente econômico (D'ARAUJO, 2000, p.9).

A partir dessas referências históricas do populismo, buscamos localizar elementos que nos permitissem traçar uma definição linguístico-discursiva desse fenômeno, conforme se pode observar nas análises que seguem.

Nos excertos do *corpus*, apresentados a seguir, verificamos nítida identificação do governante com o poder que ele exerce de modo a atrair para si a exclusiva responsabilidade pelos atos anunciados. O uso de pronome possessivo de primeira pessoa do singular “meu”, além de corroborar para o amalgamento entre a figura do homem Getúlio Vargas e a do governante da nação, evidencia o caráter egocêntrico que permeia sua fala, como se observa em “Obra de meu Govêrno” [01]:

[01] Obra de meu Govêrno, consubstanciando tôda uma política social que veio dar, em pouco tempo, ao nosso País uma das legislações trabalhistas mais adiantadas, é-me grato comemorá-la no vosso convívio neste vale promissor, onde, também há um decênio, tive a satisfação de lançar as bases desta poderosa oficina do progresso nacional (Discurso VI, L7-11).

[02] Não teme o Govêrno nem mesmo a acrimônia das atitudes parciais, as asperezas da injustiça, ou a malignidade dos farejadores de escândalos. *Governamos* de portas abertas e acolhemos com a mesma isenção tanto o estímulo do louvor espontâneo, como a vigilância da crítica livre (Discurso V, L26-29) – grifo nosso.

Quanto ao uso de primeira pessoa do plural, faz-se necessário distinguir, conforme Sena (1997, p. 101) o uso de “nós” em três categorias de análise:

- 1 – *Exclusivo*: o locutor refere-se a si mesmo e a uma terceira pessoa, mas há um afastamento entre eles, preservando uma relação hierárquica;
- 2 – *Inclusivo*: existe uma relação de igualdade entre locutor e interlocutor, o qual é incluído na enunciação do locutor;

3– *Inclusivo estratégico*: trata-se de um recurso discursivo de “aparência globalizante”. O locutor faz parecer que ele e o auditório são sujeitos do mesmo processo.

Em se tratando do segundo excerto: “Governamos de portas abertas e acolhemos com a mesma isenção tanto o estímulo do louvor espontâneo, como a vigilância da crítica livre.” (L27-29), identificamos o emprego do “nós estratégico”. De fato, quem governou foi Vargas com o auxílio de seus assessores e ministros – mas, em função do contexto no qual o discurso se desenvolve, é fundamental estabelecer ideologicamente a identificação com o povo.

A observação dos dois enunciados permite-nos apontar para a iminência de um amalgamento que se consolida no desenvolvimento do discurso entre o governo – instância abstrata, relacionada ao poder – e o Governo – instância concreta, representada pela corporalidade material de Getúlio Vargas. Discursivamente, o “governador” e o poder exercido por ele ocupam o mesmo lugar, referem-se, portanto, ao mesmo objeto discursivo. No que concerne ao discurso político de orientação populista, tal processo é necessário para que o líder político consiga forjar argumentos para convencer seu auditório e, no caso específico de Getúlio Vargas, isso foi fundamental ao forjamento do que historicamente ficou conhecido como o “mito Vargas”.

Com relação à forma composicional, observa-se que, em função dos tópicos abordados nos discursos ilustrados pelos excertos [01] e [02], o modo como os enunciados se desenvolvem é bastante distinto em ambos os discursos. Em [03], estando em Volta Redonda, Vargas exalta as melhorias feitas por ele no âmbito das legislações trabalhistas. Trata-se, dessa forma, de um discurso de celebração, de comunhão e de reforço identitário entre o Presidente e o povo que o elegeu. Em contrapartida, no excerto [02], o tom é outro. Realizado à véspera do Ano Novo de 1953, constitui um instrumento de prestação pública de contas. Por meio dele, Vargas não só apresenta aos trabalhadores os resultados de suas ações, mas, sobretudo, responde às críticas feitas ao governo por seus adversários.

Apelando a outra estratégia comum aos pronunciamentos políticos, Vargas constrói um discurso que busca convencer com o apoio fundamental do apelo à emoção, conforme se verifica nos excertos [03] e [04]:

- [03] Aqui sempre me acolhestes com o mesmo entusiasmo, em visitas anteriores, quer como Chefe de Estado, quer como candidato de oposição em 1950. Não vos abandonei, como não me abandonastes. Meu nome poderia ser proscrito das cerimônias oficiais, das ruas, das placas comemorativas, oculto ou propositalmente omitido. Não o foi, porém, da vossa lembrança; continuou no coração dos trabalhadores que me convocaram para este dia. (Discurso VI, L 12-17).

No excerto [03], Getúlio Vargas exalta o entusiasmo com que sempre foi recebido pelo povo e aproveita para retribuir-lhe a solidariedade: “Não vos abandonei, como não me abandonastes.” (L13-14). Em seguida, apresenta-se como vítima de uma conspiração a qual visava ao apagamento de sua imagem do cenário político nacional; no entanto, por contar com a fidelidade de seu auditório, ressalta que seu nome “continuou no coração dos trabalhadores”. (L16-17) Neste fragmento do discurso, destacam-se três elementos fundamentais em que se assentam os discursos de Vargas: a fidelidade (“mesmo entusiasmo” – L12); a reciprocidade (“Não vos abandonei, como não me abandonastes”. L13-14); a união sincera e profunda entre líder e liderados (“continuou no coração dos trabalhadores” L16-17).

Por se tratar da parte inicial do discurso de 1º de maio, Vargas apela à emoção do auditório, de forma estratégica, para torná-lo mais suscetível à aceitação das ideias apresentadas posteriormente, conforme verificamos a seguir:

- [04] Aceitando o nosso quinhão de sacrifício, nesta fase tão árdua para todos os povos, uma certeza nos alenta. Não padecemos aqui o drama crepuscular de nações outrora poderosas, que atualmente vêm perdidas as suas opulências e exaustos os seus recursos. Pelo contrário, as nossas dificuldades resultam do nosso crescimento, do nosso progresso que se agiganta. Prenunciam o amanhecer de uma nova era de prosperidade para a Pátria grande e generosa, cujas riquezas, utilmente exploradas, recompensarão o pertinaz e devotado labor dos seus filhos, que hoje preparam o dia de amanhã (Discurso V, L19-26).

Evidencia-se, desse modo, que o discurso populista caracteriza-se, em termos de forma composicional, por haver, por parte do enunciador, forte apelo às emoções dos enunciatários, como se verifica em [03]: “Não vos abandonei, como não me abandonastes”. (L13-14); “[...] continuou no coração dos trabalhadores, [...]” e em [04]: “Aceitando o nosso quinhão de sacrifício [...]” (L19); “[...] as nossas dificuldades resultam do nosso crescimento, do nosso progresso que se agiganta. Prenunciam o amanhecer de uma nova era de prosperidade para a Pátria grande e generosa, [...] recompensarão o pertinaz e devotado labor dos seus filhos” (L22-25). É essencial a esse tipo de prática política e, por consequência, à eficiência dos

discursos políticos de orientação populista, que haja identificação do auditório com o que é dito pelo líder político, pois é com base também nessa relação de confiança que, conforme já apresentamos, se estrutura o populismo como fenômeno político e sócio-histórico.

Entendemos que o discurso populista possa apresentar inúmeras características, no entanto, conforme já destacamos, não localizamos pesquisas a respeito do assunto, portanto, o que se enumera a seguir são apontamentos que caracterizam o discurso de Vargas, considerado um político de orientação populista.

2 Características do Domínio Discursivo Populista e do Discurso de Getúlio Vargas

2.1 Características do Domínio Discursivo Populista

2.1.1 Homenagem ao auditório

Um dos fundamentos elementares do ato retórico é despertar a atenção da audiência para a argumentação do orador. Entre as estratégias mais eficazes está o elogio ao auditório, como forma de ganhar-lhe a simpatia e de torná-lo mais favorável aos argumentos que lhe são apresentados. No caso do discurso populista, em função do forte apelo emocional direcionado às massas, a homenagem ao auditório constitui-se como um ato ritualístico que denota o respeito do orador ao público a que ele se dirige e busca, por meio do discurso, ressaltar a importância do auditório em relação às conquistas promovidas pelo Governo e, assim, estabelecer entre ambos uma relação equânime.

[05] Sois um exemplo de labor produtivo e disciplinado, em que encontro novos estímulos para prosseguir numa das diretrizes primordiais do meu Governo – a de atender às necessidades e reclamos do proletariado nacional, em cujo espírito de ordem, devotamento ao trabalho e respeito às instituições sempre confiei (Discurso VI, L42-45).

Elogiar o auditório é uma forma de preparar-lhe o espírito aos argumentos que serão apresentados pelo orador na continuação do discurso. Certamente não se trata de uma característica exclusiva do discurso populista, no entanto, é fundamental à edificação desse tipo de manifestação discursiva, uma vez que, considerando-se o contexto brasileiro, o Estado assumiu a responsabilidade de promover

a industrialização e a modernização da sociedade, algo que seria de competência da burguesia local, que se demonstrou ineficaz nesse sentido. Dessa forma é que se observou a hipertrofia nas funções desempenhadas pelo Estado, o qual buscou legitimidade e respaldo nas massas, sobretudo de trabalhadores. O elogio, nesse sentido, relaciona-se a uma importante estratégia argumentativa que visa ao enaltecimento – sincero ou não – daqueles que, de fato, são o esteio da nação.

Vale destacar o modo como os trabalhadores são referidos discursivamente: “exemplo de labor produtivo”, em “cujo espírito de ordem, devotamento ao trabalho e respeito às instituições” Vargas sempre confiou. Observa-se, dessa forma, que o proletariado nacional só é reconhecido por sua obediência ao sistema. Afinal, a produção, pela qual é responsável, é aquela que assegura a prosperidade econômica brasileira e, por conseguinte, a dos detentores dos meios de produção. Além disso, o “respeito às instituições” está diretamente relacionado ao propósito de exercer controle político e ideológico dos trabalhadores a partir dos sindicatos. Não é por acaso que nos discursos voltados aos trabalhadores de forma mais explícita, haja certa insistência para que eles se associem aos sindicatos.

Cabia aos trabalhadores, portanto, contribuir para o progresso nacional com a venda de sua força de trabalho e com a obediência alienada às instituições governamentais, reproduzindo a estrutura e os valores de uma classe hegemônica, que só possuía esse status em função do poder político que exercia na organização social. Prevalencia, assim, a ideologia de que com um Estado interventor, como o foi no segundo mandato de Vargas, os trabalhadores não tinham motivo para se preocupar, pois, além da Legislação Trabalhista, defendida ferrenhamente por Vargas, esse mesmo governo era responsável por promover a compreensão cada vez maior entre as diferentes classes, de modo que os conflitos fossem atenuados e, mesmo, abolidos. Nesse sentido, observa-se uma inconsistência no discurso de Vargas, pois, ao defender a democracia, defende-se, conseqüentemente, a existência de conflitos. É isso inclusive que caracteriza todo sistema democrático: a livre possibilidade de circulação e de debate de ideias. No entanto, a postura assumida por Vargas opõe-se radicalmente a essa característica e a substitui pelas utópicas ideias de universalismo e harmonia social.

Ao tratar dos trabalhadores rurais, ainda não contemplados pelas benesses da Legislação Trabalhista, Vargas faz questão de exaltar-lhes a importância para a economia brasileira. Mesmo após o impulso industrializador, ocorrido em função das duas guerras mundiais, com a criação da Usina de Volta Redonda, da Compa-

nhia Siderúrgica Nacional e da Fábrica Nacional de Motores, além da Petrobras, o Brasil na década de 1950 ainda devia considerável parte de seu PIB à exportação do que, hoje, conhece-se por commodities. Assim, o homem do campo era, de fato, um esteio fundamental da economia e não poderia se ignorado pelo governo, que defendia a total integração entre as diferentes classes, tal como se verifica em [06]:

[06] Antes de mais nada, desejo louvar a capacidade dos nossos técnicos, a audácia dos pioneiros da penetração do solo pátrio e o esforço tenaz e infatigável dos trabalhadores dedicados, que, sem medirem sacrifícios, lutaram, durante muitos anos, para que se tornassem afinal realidade palpável os sonhos e as esperanças de tantas gerações (Discurso II, L12-16).

[07] Êsse projeto, uma vez transformado em lei, abrirá para o trabalhador rural novas perspectivas, assegurando assistência dos poderes públicos àqueles que são ainda hoje os esteios fundamentais de nossa vida econômica (Discurso V, L124-126)

O tema do discurso, do qual se extraiu o excerto [07], é a descoberta de petróleo no litoral da Bahia, por isso os elogios de Vargas voltam-se aos técnicos responsáveis pelo feito. Ressalte-se o fato de que o Brasil, ainda na década de 1950, tinha que importar grande parte do petróleo que era consumido no país, o que tornava sua balança comercial deficitária quando comparados os volumes de importação e exportação. Dessa forma, a descoberta de jazidas de petróleo deu um novo impulso à economia brasileira e Vargas, em seu discurso, não poderia deixar de agradecer aos responsáveis.

Nos fragmentos [08] e [09], orador, pronunciado seu discurso aos participantes de um churrasco realizado em Porto Alegre, em 20 de setembro de 1952. Trata-se de uma situação informal bastante propício a desenvolvimento de um discurso de caráter epidítico. Consideramos relevante destacar que Vargas, ao elogiar a terra, expande seus elogios ao povo gaúcho, do qual ele próprio era um representante, [08]: “sinto ao vosso contato o estímulo confortador da generosa hospitalidade gauchesca, o acolhimento de uma gente caldeada em lealdade e em franqueza, de quem sempre esperei e sempre recebi a mais perfeita compreensão e justiça.” Vargas busca, ao menos discursivamente, eliminar as distâncias que naquele momento separavam o homem público dos braços de seus fiéis correligionários.

No momento no qual se refere aos seus feitos, Vargas frisa que promoveu melhorias que mais de perto interessavam aos gaúchos, mas que, como toda ação

governamental, serão usufruídas por todos os brasileiros. No entanto, o Rio Grande do Sul e seus habitantes continuam privilegiados, conforme se observa em [09]: “esta terra gaúcha é um dos celeiros naturais de fartura e abundância, como sempre foi uma reserva inesgotável de forças cívicas e de valores morais.”

[08] As manifestações de amizade, com que ora me recebeis, reacendem em mim, apesar de anos, o mesmo entusiasmo que me empolgava nos albores de minha carreira política; e sinto ao vosso contato o estímulo confortador da generosa hospitalidade gauchesca, o acolhimento de uma gente caldeada em lealdade e em franqueza, de quem sempre esperei e sempre recebi a mais perfeita compreensão e justiça. (Discurso III, L6-10)

[09] Ao rememorar algumas realizações levadas a efeito pelo meu Governo e que mais diretamente interessam a êste Estado, conforta-me a segurança de que o fortalecimento da economia do Rio Grande do Sul e o aproveitamento integral de seus recursos redundarão em proveito para o Brasil inteiro, do qual esta terra gaúcha é um dos celeiros naturais de fartura e abundância, como sempre foi uma reserva inesgotável de forças cívicas e de valores morais. (Discurso III, L260-265)

2.1.2 Prestação de contas

Prestar contas, o âmbito do discurso político, constitui uma prática comum, no entanto, quando tratamos do discurso populista, este é um tema recorrente, trata-se, conforme definido por Bakhtin (2003 [1927]), de um “elemento relativamente estável” do gênero discurso político. Por meio da análise dos discursos de Vargas, observamos que a prestação de contas, em alguns discursos, como o que foi pronunciado perante os trabalhadores do Rio Grande do Sul, ocupa grande parte do pronunciamento do presidente. Essa característica é compreensível quando nos reportamos ao contexto histórico em que Vargas governou o país.

Seu governo fundou-se na cooptação do apoio das massas, e por isso tornou-se uma demanda e mesmo uma estratégia de legitimação de seu poder de transformar o próprio discurso em ações, além de apresentar (e dramatizar) as conquistas sociais, políticas e, sobretudo, econômicas alcançadas pelo Governo.

[10] Convém, portanto, que esta primeira visita ao meu Estado natal, de onde parti para empreender a campanha que me conduziria pela segunda vez à magistratura suprema do País, tenha o sentido de uma prestação de contas, de uma expo-

sição do que me foi dado a realizar nestes quase dois anos de govêrno, em benefício de minha terra e de minha gente. (Discurso III, L11-15)

- [11] Atendendo ao apêlo dos sindicatos, determinei que os institutos de seguro social facilitassem aos trabalhadores a aquisição das sedes dos seus grêmios profissionais, e já muitos dêles estão realizando o anseio de construir a casa do trabalhador.

Por outro lado, medidas foram tomadas no sentido de moralizar a aplicação do fundo social sindical, que não deve ser desviado para outras finalidades que não sejam estritamente de amparo aos que para êle contribuem, cada ano, com um dia de seus salários. (Discurso IV, L34-40)

2.1.3 Exaltação do nacionalismo

O apelo apaixonado ao nacionalismo e a exaltação da pátria estão no bojo da constituição do populismo. Surgido como uma oposição às práticas imperialistas desenvolvidas principalmente pelo capital estadunidense, Vargas, embora bastante afinado aos preceitos do sistema capitalista, vislumbrava levar a êxito seu projeto desenvolvimentista com base na estatização de setores econômicos estratégicos para o país. Assim, era necessário, uma vez mais, convencer a população de que tal posicionamento era o mais adequado à harmonia nacional.

Trata-se evidentemente de um recurso ideológico que visava construir e disseminar um denominador comum a toda a sociedade. Nesse sentido, não há nada mais universal e capaz de insuflar paixões que a ideia de nacionalismo, segundo a qual todos os indivíduos são exatamente iguais, gozadores dos mesmos direitos e deveres em relação à pátria. Apagam-se as diferenças e assimetrias e todos passam a agir em prol do utópico bem comum.

- [12] O projeto de incorporação da Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima, ou, mais simplesmente, Petrobras, visa captar, para o desenvolvimento da indústria brasileira do petróleo, as fontes de receita de que necessita e a centralização de iniciativas que lhe é indispensável. Mais ainda, consolida a orientação nacionalista, de que nunca se afastou o meu Govêrno e que espero poder sustentar até o fim, contra todos os adversários descobertos ou embuçados e os inimigos da nossa emancipação econômica. (Discurso II, L60-65)

- [13] Pelo contrário, as nossas dificuldades resultam do nosso crescimento, do nosso progresso que se agiganta. Prenunciam o amanhecer de uma nova era de prosperidade para a Pátria grande e generosa, cujas riquezas, utilmente exploradas, recompensarão o pertinaz e devotado labor dos seus filhos, que hoje preparam o dia de amanhã.. (Discurso V, L22-25)
- [14] Constituída com capital, técnica e trabalho exclusivamente brasileiros, a Petrobras resulta de uma firme política nacionalista no terreno econômico, já consagrada por outros arrojados empreendimentos em cuja viabilidade sempre confiei. (Discurso VII, L41-43)
- [15] Nessas bases, a organização da Petrobras foi concebida dentro de um ponto de vista nitidamente nacionalista. Ela dará o petróleo do Brasil aos brasileiros e tornará possíveis os recursos financeiros vultosos de que necessitamos para explorar uma das maiores fontes de riqueza da civilização.

Essa bandeira nacionalista, eu a venho desfraldando em tôda a minha vida pública e ninguém logrará arrebatá-la de minhas mãos. (Discurso II, L136-141)

2.1.4 Exaltação dos resultados obtidos por meio de ações governamentais

Em associação com a prestação de contas, principalmente, é importante ao representante político explicitar ao seu auditório as conquistas empreendidas por ele, a fim de mostrar-lhe sua competência e destreza no manejo da máquina pública. Nesse sentido, evidenciar os resultados, invariavelmente, implica a valorização daquele que os obteve. Por se tratar, consoante já destacamos anteriormente, de um sistema fundado na adesão inquestionável da massa, o populismo, para sua manutenção ideológica, exige do político um exercício constante de legitimação do poder via práticas que, ao menos em tese, estejam relacionadas à promoção do bem-estar social. A exaltação de resultados, não se trata, portanto, de mero protocolo, mas de uma estratégia fundamental à continuidade e à consolidação de tal sistema. Apresentando-se com competente, desbravador e realizador de obras de vulto e significado social, o representante político não oferece outra possibilidade aos seus governados senão a do apoio incondicional a ele. O que se comprova nos excertos apresentados a seguir:

- [16] A nossa legislação trabalhista rasgou o caminho para as justas reivindicações proletárias. Orgulho-me de ter sido o meu Govêrno que deu os primeiros e

decisivos passos para a vossa redenção social, tão necessária ao próprio bem do Brasil. (Discurso VI, L158-160)

- [17] A situação das finanças públicas oferece um quadro animador. Livrando-nos do crônico mal dos déficits continuados, causa da anarquia financeira, para atingirmos, ao findar o segundo ano do meu Governo, um saldo de mais de 2 bilhões. Durante o ano de 1952, nem um cruzeiro sequer foi emitido pelo Tesouro, que, ainda assim, dispõe de saldos para iniciar a execução orçamentária de 1953. Diminuímos dessa maneira, paulatinamente, a pressão inflacionária, com o propósito de dominá-la sem os perigos de uma deflação violenta. (Discurso V, L33-39).
- [18] Assim, deixou o meu Governo, em 1945, assentadas tôdas as bases para o aproveitamento agroindustrial e do potencial hidrelétrico de um dos maiores rios do continente americano. O que se fez depois foi uma consequência dessa preparação inicial. (Discurso I, L32-34)

2.2. Características do Discurso de Getúlio Vargas

2.2.1 Adjetivação

O emprego estratégico de adjetivos é responsável por localizar o enunciado em uma dimensão subjetiva, permeada pela ambivalência de sentido. Trata-se de uma forma de organização do discurso que visa enfatizar valores, sentimentos e, por isso, conquistar a adesão do auditório não somente por meio de argumentos centrados na ordem da razão, mas também na das emoções. Os adjetivos, dessa forma, podem ser semanticamente considerados como palavras que exprimem noções qualitativas e, portanto subjetivas, daquele que os emprega.

Soares (2009) ao tratar da adjetivação, recorre à posição de Charaudeau (1982) e defende que qualificar é tomar partido, pois toda qualificação testemunha a maneira pela qual o sujeito falante interpreta a realidade, refletindo, conseqüentemente, a sua subjetividade. Portanto, “os adjetivos são formas desencadeadoras de valores, positivos ou negativos, que podem ser de caráter objetivo ou subjetivo, de acordo com a posição que eles assumem dentro do sintagma nominal” (1982 *apud* SOUZA, 2009, p. 79).

Como gênero discursivo, o discurso político oferece vastas possibilidades à expressão das características particulares do orador. No âmbito das disputas políticas, o modo como cada representante se manifesta e edifica seu discurso influencia diretamente na forma como esse mesmo discurso será recebido pela

audiência e, invariavelmente, como o auditório projetará a imagem desse orador. A seguir, apresentamos alguns excertos do *corpus* que melhor ilustram essa questão:

- [19] Um nôvo ímpeto civilizador há de brotar das águas do São Francisco, conquistadas pela firme vontade do homem; e dias melhores, de fartura, de tranquilidade, de trabalho fecundo e de bem-estar social, hão de nascer no vale imenso, que foi uma dádiva e um desafio da natureza bravia à coragem, à tenacidade e ao heroísmo da nossa gente. (Discurso I, L180-183)
- [20] Para aqui se voltam, pois, mais uma vez, os corações ansiosos de todos os brasileiros, esperando melhores dias, em que a fertilidade incomparável da Bahia disseminará por todo o País as bênçãos e os frutos do seu solo privilegiado. Que se cumpra o seu destino. E que a riqueza da Bahia seja hoje, como foi tantas vezes no passado, uma fonte perene de engrandecimento do Brasil. (Discurso II, L207-211)
- [21] Rude foi o caminho, porém firme o nosso passo. Tivemos de vencer inumeráveis obstáculos, originados por angustiosos problemas econômicos e financeiros, com que se defronta não só o Brasil, mas o mundo todo. Reflexos de um desequilíbrio geral entre a capacidade das fontes de produção e as necessidades de consumo, tais problemas impõem aos homens sempre crescentes provações. (Discurso V, L6-10)

2.2.2 Alternância entre primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular em referências a si mesmo.

A ambiguidade conferida ao discurso decorrente da alternância do emprego das pessoas verbais pode ser compreendida como também como mais um elemento necessário à constituição do próprio discurso político. Considerando-se as especificidades do populismo, o amalgamento entre o representante do político e o poder exercido por ele dota seu discurso de força persuasiva e, de certa forma, inebria a percepção do auditório. O indivíduo deixa de representar o poder, ele corporifica o poder e, em função disso, todas as suas ações se legitimam uma vez que o lugar ocupado por ele foi-lhe conferido pela vontade do povo. Nesse sentido, Charaudeau (2008, p. 80) defende que “O político em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um Terceiro, enunciador de um ideal social.”.

2.2.2.1 Primeira pessoa do singular

[22] Triunfante na decisão das urnas, voltei ao Govêrno com a profunda consciência das ingentes responsabilidades e dos árduos deveres que me eram impostos. A experiência da minha vida devotada ao serviço da Nação não me deixava ilusões quanto aos graves problemas que me caberia enfrentar.

A despeito dos fatôres adversos com que tive de lutar e ainda venho lutando, num período notòriamente difícil para o Brasil, como para o mundo todo, não vacilei um só momento em seguir, com passo firme, o rumo que as necessidades essenciais do País apontavam. (Discurso VII, L 11-18)

[23] Não acho palavras para expressar tôda a satisfação por êste meu reencontro convosco, tôda a minha alegria em assistir a mais esta demonstração de vossa lealdade e firmeza – companheiros que fostes de todas as horas de minha vida pública, quer estivesse no Gôverno, defendendo vossos direitos, quer me isolasse no retiro da minha terra natal, onde me viestes buscar de nôvo para a magistratura suprema do País.

Conforta-me verificar que o proletariado brasileiro já adquiriu a consciência nítida dos seus deveres e responsabilidades na existência da Nação. (Discurso IV, L3-9)

2.2.2.2 Primeira pessoa do plural

[24] Levar avante o progresso da Nação é uma árdua, mas glorificadora tarefa que nos incumbe. Não esmorecemos em meio da jornada, nem daremos ouvidos aos que se detêm num passado de rancores e decepções. Havemos de prosseguir em nosso caminho de realizações e empreendimentos, porque vamos ao encontro das radiosas esperanças com que nos acena o futuro da Pátria. (Discurso VII, L213-217)

[25] Devemos manter vivo e claro o ideal que há vinte anos nos une, que juntos conduzimos à vitória através de empecilhos de tôda sorte, que erigimos em estandarte de luta e em legítimo título de glória para nossa Pátria. Devemos congrega-nos em tôrno das conquistas de nossa legislação trabalhista, estendê-las a todos os setores da atividade nacional, vivificá-las constantemente pela fé nos seus propósitos e pela confiança no triunfo dos princípios da justiça social, em nome dos quais combateremos e sôbre os quais havemos de construir o Brasil de amanhã. (Discurso IV, L122-128)

2.2.2.3 Terceira pessoa do singular

[26] Não errou o Govêrno em ter preferido êsse tipo de organização. A eficiência com que tem sabido levar avante os grandes empreendimentos é um atestado vivo do acêrto e fecundidade do impulso inicial, que a criou. Êsses e outros exemplos inspiraram o Govêrno, quando propôs, para a solução do problema do petróleo brasileiro, o mesmo tipo de organização, cristalizado no sistema de economia mista da Petrobras. (Discurso III, L42-47)

[27] Eis por que se orientou o Govêrno para o projeto de constituição de uma sociedade de uma economia mista, na qual pudesse êle reunir a maioria absoluta das ações e participar diretamente de uma emprêsa dotada de bastante flexibilidade, dinamismo, autonomia de ação e máxima capacidade de expansão industrial. (Discurso II, L97-100)

2.2.3 Seleção lexical – termos “trabalhadores” e “povo”

No discurso político é fundamental ao efetivo processo de ação e de interação entre orador e auditório que haja precisão daquele ao selecionar os elementos lexicais que comporão o seu discurso, principalmente aqueles com os quais fará referência a seus ouvintes. Nos pronunciamentos de Vargas, chama a atenção o modo particular como ele constrói, discursivamente, a figura de seu auditório, por meio dos termos “trabalhadores” e “povo”. Parece-nos que há aqui uma dicotomia fundamental, que, de algum modo, é responsável por determinar a direção que os argumentos seguem em cada discurso.

De um lado, o termo “trabalhador” evoca não apenas uma camada da sociedade, mas em sentido amplo, refere-se a todos aqueles que exercem algum tipo de atividade econômica – de burgueses, detentores dos meios de produção, a trabalhadores rurais, dependentes da exploração da terra alheia, embora, de modo geral, discursivamente privilegie a última. De outro, “povo” refere-se a todos os brasileiros, assumindo, assim, uma característica universalizante, tão necessária à manutenção do *status quo* do sistema alicerçado em bases populistas.

2.2.3.1 O termo “trabalhador”

- [28] Dentro em pouco, as suas ambulâncias estarão atendendo a todos os trabalhadores do Brasil. (Discurso VI, L74 -75)
- [29] Um número sempre crescente de moradias vêm sendo entregues aos trabalhadores, no Distrito Federal, como em outros pontos do País. (Discurso V, L112-113)
- [30] [...] a audácia dos pioneiros da penetração do solo pátrio e o esforço tenaz e infatigável dos trabalhadores dedicados, que, sem medirem sacrifícios, lutaram, durante muitos anos, para que se tornassem afinal realidade palpável os sonhos e as esperanças de tantas gerações. (Discurso II, L12-16)

2.2.3.1 O termo “povo”

- [31] Por certo, ninguém põe em dúvida o patriotismo dos homens públicos que pretendiam executar êsse programa. Fundavam-se êles na tese de que ao Estado cabia apenas a função pioneira e estimuladora, e não a função do controle efetivo da indústria do petróleo. Já não pensava assim, todavia, a imensa maioria do povo brasileiro. (Discurso II, L82-85)
- [32] Os que especulam com a miséria, os que locupletam com os lucros fáceis à custa do suor do povo, para viver na ostentação e no ócio, porfiam em procurar manter uma sociedade fundada no egoísmo e na injustiça. (Discurso VI, L 151-153)
- [33] [...] é-me grato recordar convosco os lances de mais essa jornada, que agora concluímos juntos – governo e povo irmanados no mesmo propósito de garantir melhores dias futuros para a Pátria. (Discurso V, L3-5)

Conclusão

Por meio do rastreamento e da análise de elementos lexicais dos discursos pronunciados por Getúlio Vargas, buscamos traçar características gerais que nos permitissem caracterizar linguístico-discursivamente o discurso populista. Apoiando-nos teoricamente na concepção de Bakhtin (2003 [1927]) sobre gênero de discurso, sintetizamos os elementos estáveis que, sob nossa perspectiva, permitem a caracterização do discurso populista:

- a) exaltação ao auditório – como forma de captar-lhe a atenção e a simpatia e, desse modo, facilitar o processo de convencimento;
- b) prestação de contas – estratégia necessária para levar ao conhecimento do grande público os feitos dos governantes em áreas estratégicas do país. Verificou-se, nos discursos, significativa tendência à explicação, de forma bastante detalhada, de projetos e realizações na área econômica como subsídio à promoção de melhorias sociais como planos de previdência, de habitação e de bolsas de estudos aos filhos dos trabalhadores;
- c) exaltação do nacionalismo – elemento fundamental ao processo de identificação dos diversos indivíduos que compõem a esfera em que os discursos são proferidos. O populismo foi um fenômeno caracteristicamente urbano, mas os habitantes das cidades constituíam uma população bastante heterogênea devido ao constante êxodo rural. Assim, o denominador comum, capaz de suscitar o afloramento das paixões do auditório, era, principalmente, o apelo ao sentimento de amor à pátria;
- d) exaltação dos resultados obtidos por meio das ações governamentais – em associação com a prestação de contas, constitui uma forma de legitimar o poder do líder populista. Trata-se de reafirmar à população que sua escolha foi a mais adequada. Essa estratégia, no caso específico de Getúlio Vargas, rendeu-lhe a alcunha de “pai dos pobres”. As atitudes “paternalistas” desse político foram responsáveis por promover a ascensão do “mito Vargas” e pela extrema dependência dos indivíduos em relação a ações governamentais.

Observamos, a partir de tais características, que os enunciados que compõem o discurso populista promovem acabamento de determinados recortes da realidade, segundo os propósitos do orador. Nesse processo, entram em jogo as características fundamentais do movimento populista como exaltação à pátria e aos resultados alcançados pela ação governamental – eficaz e onipresente em todos os setores da vida pública do país. Para proceder ao acabamento coerente com a esfera de circulação de seus enunciados, Getúlio Vargas recorreu a estratégias discursivas que visavam fortalecer sua imagem pessoal e, a qual, por significativas vezes, revelava-se intrinsecamente amalgamada ao poder exercido por ele, além de, por meio de seu discurso, criar um efeito de identificação entre ele o povo que governava.

Referências

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. 1997. 367p. Tese - Doutorado em Linguística Geral e Semiótica – Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O léxico no discurso político. In: PRETTI, Dino (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. Reflexões sobre argumentação no discurso político. In: SILVA, L. (org.). *A língua que falamos*. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005. p. 105-118.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1927].

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHILTON, Paul. *Analyzing political discourse: theory and practice*. London: Routledge, 2004.

D'ARAUJO, Maria Celina Soares. *A era Vargas*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *O segundo governo Vargas (1951-1954): democracia, partidos e crise política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

DEBERT, Guita Grin. *Ideologia e populismo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRILLO, Sheila V.C. Esfera e Campo. In: BRAITH, Beth. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.133-160.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Trad. Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1958].

RIBEIRO, José Augusto. *A era Vargas (1952 – 1954)*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Casa Jorge, 2001.

SILVA, Alexandre Marques. *A imagem por trás do mito: estratégias discursivas e a constituição do ethos no discurso político*. 2010. 220p. Dissertação – Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Ricardo Virgilino da. *A ideologia do Estado autoritário no Brasil*. Tese de Doutorado, Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, 247 p.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Trad. Ismênia Tunes Dantas. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOARES, Doris de Almeida. *Elementos básicos para a análise de textos argumentativos em língua portuguesa*. Campinas, v. 48, n. 1, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132009000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/07/10.

VARGAS, Getúlio. *O governo trabalhista do Brasil*. Vol III. – Do Projeto do Serviço Social Rural (1951) à Mensagem Anua de 1953. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

VARGAS, Getúlio. *O governo trabalhista do Brasil*. Vol IV. – Do Projeto do Instituto Nacional do Babaçu (1953) à Carta Testamento. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

WEFFORT, Francisco Corrêa. *O populismo na política brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.